

PRODUÇÃO DE IMAGEM E CULTURA: A CRIAÇÃO DE UMA BANDEIRA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL

Cláudia Coscarelli Salum
Miguel Mahfoud
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Voltar-se para o tema da imagem significa aprofundar a compreensão de possibilidades de elaboração da experiência. Entendemos a apreensão dos sentidos produzidos na relação entre a pessoa e a imagem, como fonte significativa de transmissão de significados culturais e comportamentais. A presente pesquisa investiga a experiência da criação de uma bandeira para o próprio distrito pelos jovens de Morro Vermelho, comunidade rural e tradicional de Minas Gerais. A produção dessa imagem encontra-se ligada à atuação desses jovens em um Centro Cultural, criado por eles como forma de fortalecimento da cultura e da história local. Foram colhidos depoimentos de moradores da comunidade envolvidos no processo de criação, com o intuito de compreender o significado dessa ação como vivência da pessoa. Analisou-se fenomenologicamente os dados, com atenção à centralidade da pessoa nos processos sociais e culturais, utilizando-se o conceito de *hilética*, *noética* e *memória coletiva*. Aprofundando a dimensão da *noesis*, podemos identificar uma relação dinâmica entre os elementos sensoriais (*hyle*), como cores e figuras, e a expressão de significados próprios da comunidade. A relação entre a criação da bandeira e os sentidos produzidos, demonstra um dinamismo típico da comunidade tradicional. A ação desses jovens se torna significativa dentro da comunidade, uma vez que se encontra profundamente enraizada nas suas tradições mantidas pela memória coletiva de seus moradores. É a força dessa memória na experiência da pessoa que permite que a produção da imagem se torne verdadeiramente produção de cultura.

Palavras Chaves: Fenomenologia, Cultura Popular, Produção de Imagem.

Abstract

Looking at the image's team means to go deeper in to the comprehension of the possibilities of an experience elaboration. We understand the catching of the meanings produced in the relationship between the person and the image, as a meaningful source of transmission of cultural and behaviour senses. The present research investigates the creation experience of a flag to the district of Morro Vermelho, a rural and traditional community of Minas Gerais, by its young people. The production of this image is connected with this young people acts in a Cultural Center, created by themselves, as a way to make the culture and local history stronger. Interviews were picked from local citizens involved in the process of creation, with the intention of understanding the means of this action as an experience of the person. A phenomenological analyses of the data was made, with the attention to the central importance of the person in the social and cultural process, using the concepts of "*hilética*", "*noética*" and *collective memory*. Going into the deeper dimension of "*noeses*", we are able to identify a dynamic relation between the sensorial elements (*hyle*), like colours and pictures, and the expression of the specific meanings of the community. The relation between the flag's creation and these meanings shows a dynamics typical to the traditional community. The action of these young people becomes significant to the community, because is deeply enraized in the traditions kept by the collective memory of its inhabitants. It's the strength of this memory in the person experience which permits that the image's production becomes, as well, a truly culture production.

INTRODUÇÃO

Morro Vermelho é um distrito de Caeté-MG. Os membros dessa pequena comunidade rural, marcados por tradições de origem barroca que duram mais de trezentos anos, realizam todos os anos festas e comemorações. O processo de produção de imagens, presente em diversos momentos importantes da história coletiva dos moradores, faz parte da dinâmica da tradição afirmando valores e significados, através de cores e formas.

Como parte de um movimento constante de afirmação da cultura e da história local, foi criado pelos jovens de Morro Vermelho um Centro Ambiental e Cultural (CAC), inaugurado em 2003. O CAC tem como objetivo trabalhar pela preservação do patrimônio de Morro Vermelho em seus vários aspectos: cultural, ambiental, arquitetônico, etc. A partir da atuação no CAC, foram realizadas outras iniciativas, como a criação de uma *bandeira* própria do distrito de Morro Vermelho. A bandeira foi oficialmente apresentada à comunidade no dia da inauguração do museu sede do CAC.

Esta pesquisa se volta para o fenômeno da *produção de imagem* no distrito de Morro Vermelho. Procura-se identificar um dinamismo típico da comunidade em questão, entendendo, assim, um dinamismo típico de culturas de origem barroca, no processo criativo de produção de imagens. Observou-se a experiência de criação da *bandeira* de Morro Vermelho com atenção ao modo próprio da pessoa no processo cultural de produção de imagem.

CULTURA E PESSOA

Ao aproximar da experiência de produção de imagens em Morro Vermelho, percebe-se a necessidade de entender como esse processo de criação se apresenta na cultura da comunidade. A compreensão da relação entre a cultura e o processo de produção de imagem exige que se faça uma “arqueologia fenomenológica” dos fenômenos culturais. Segundo Ales Bello (2004), isso significa que devemos primeiro compreender qual é a estrutura do ser humano para, em seguida, compreender como o ser humano se posiciona frente à realidade natural e como produz cultura, “porque a cultura é um produto, uma expressão de criatividade”.

Abordar o tema da cultura, segundo uma visão fenomenológica, tem como objetivo descrever as modalidades pelas quais se constrói e se expressa a pessoa dentro de determinada cultura e, a partir dessa observação, tentar entender aspectos fundamentais da realidade humana (Augras, 1995). A cultura, definida como mundo-da-vida (Ales Bello, 1998), se refere fundamentalmente à atividade do espírito humano, em que se utiliza as suas capacidades como vontade, liberdade, inteligência e criatividade, para viver e criar formas sociais. Tomando o nosso mundo circundante enquanto mundo-da-vida é possível compreender que a cultura representa aquilo que se faz através de cada ação particular, produzindo sentido.

O caminho feito por Drawin (2002) na compreensão da cultura, se refere às suas leituras dos textos de Lima Vaz. Em sua análise, o autor faz um percurso no qual é possível identificar alguns elementos fundamentais para a discussão sobre o tema. Em um primeiro momento, a descoberta pelo ser humano da sua irredutível condição de *ser moral*, o insere em uma rede de interpretações e valorações. Essa condição, que se configura como uma exigência propriamente humana, origina um *movimento intencional* que atravessa a diversidade das manifestações culturais. O despertar da intencionalidade inicia um processo de constituição de uma consciência reflexa, que se forma através de uma lógica própria. Esse processo parte de uma ‘reflexividade em si’ da cultura, quando esta ainda é representada em um jogo especular com a natureza, passa por uma ‘reflexividade para si’, no momento em que é capaz de ir além da experiência particular e projetar-se em um horizonte antropológico mais amplo, até atingir um nível de ‘reflexividade para nós’, no qual a perda da imediaticidade do saber se transforma em possibilidade de reconstrução. A *reflexividade*, partindo de um movimento intencional, tem como o resultado “o gesto de avocar a si o conjunto da tradição e traduzir seu sentido, sua razão de ser”, ou seja, tem como resultado a produção de uma nova ordem simbólica. Assim, a reflexividade refere-se ao movimento intencional, que parte da irredutibilidade da existência humana enquanto existência moral e que dá origem ao universo simbólico. No processo de produção de cultura, entende-se que a forma intencional e sua concreção material têm a mesma origem.

Nos textos de Lima Vaz (1988), é possível encontrar essa passagem à criação de uma realidade propriamente humana e à constituição do indivíduo como sujeito universal. É na produção da sua existência cultural, que o indivíduo é capaz de transcender a realidade enquanto dado, na transcendência da sua própria subjetividade, em um movimento de abertura para o mundo. Através das análises de Lima Vaz, compreende-se que a criação de um universo cultural se revela intrinsecamente ético. A cultura, em suas formas simbólicas, e o *ethos* se entrelaçam e, assim, a ação apresenta o seu caráter normativo que transcende a própria ação. O *ethos* penetra em todo o campo da cultura. Essa íntima e profunda relação entre ética e cultura, se torna ainda mais evidente na medida em que se compreende o *ethos* como a face da cultura que se volta para o horizonte do dever-ser ou do bem.

Grygiel (2000) realiza uma reflexão sobre o tema da cultura que se aproxima da análise feita anteriormente. O autor afasta uma representação abstrata de cultura, na medida em que reconhece a sua razão de ser em um movimento intencional do ser humano. Destaca, ainda, a importância da ação humana como origem da cultura e o caráter ético dessa ação.

HILÉTICA E NOÉTICA

Para compreender como a cultura, enquanto formas simbólicas e materiais, é formada *a partir da pessoa*, é necessário seguir o caminho da ‘arqueologia fenomenológica’ e observar especificamente a relação da pessoa com a realidade a sua volta. Ales Bello (2004, p. 206) faz a seguinte afirmação: “Parece uma coisa estranha, há um vínculo muito interessante entre a nossa experiência primária e o modo de nos colocarmos em relação com o mundo dando uma interpretação cultural e religiosa”.

Husserl, em uma análise mais profunda (Husserl, 1992; Husserl 2002) identifica que estão presentes na experiência da pessoa dois aspectos distintos: a experiência primária de percepção dos dados sensíveis externos e internos, como os dados de som, cor, tato, dor e prazer; e a experiência intencional ou valorativa que atribui sentido a esses dados sensíveis. Apesar desses aspectos se apresentarem na esfera da vivência como uma unidade, Husserl define os conceitos *hilética* e *noética* para denominar esses dois momentos e possibilitar a análise estrutural da experiência da pessoa. Através da análise dos aspectos hiléticos e noéticos, percebe-se que apesar do sentido definir o modo de nos colocarmos em relação com o mundo dado, o próprio mundo dado já possui um papel fundamental no reconhecimento desse sentido. Os sentidos produzidos pela pessoa não são construídos arbitrariamente, uma vez que se apóiam nos elementos ligados à materialidade.

No entanto, essa maneira de se relacionar com a realidade, não é facilmente percebida na cultura ocidental, na medida em que essa privilegia uma atitude abstrativo-conceitual, abafando o momento hilético (pré-categorial) da experiência (Ghigi, 2003). O próprio Husserl, em suas formulações, atribuiu um papel mais relevante à análise da noética, por tratar do sentido das coisas. Entretanto, Ales Bello (2004) afirma a importância da análise hilética como uma análise basilar para compreender o porquê daquele sentido e como forma de se alcançar verdadeiramente a compreensão da dimensão noética. Ghigi (2003, pág. 49) baseando-se nos estudos de Ales Bello em outras culturas, também ressalta a relevância de se reconhecer o momento hilético:

[nas culturas ‘outras’] o que principalmente “fala” em lugar dos conceitos da nossa cultura (o processo de objetivação) é o conjunto dos dados hiléticos, ou seja, de sons, cores, visões que se manifestam na realidade com tamanha força e potência a ponto de já serem parte ativa e a autônoma da realidade, como “presenças animadas”.

MEMÓRIA COLETIVA

O conceito de memória coletiva, segundo Halbwachs (2004), aparece como um processo que tem como premissa a intersubjetividade humana e a pessoa como pertencente a uma coletividade. Entende-se que o sujeito ao elaborar a sua experiência no mundo da cultura,

realiza um trabalho essencialmente coletivo, capaz de atravessar as dimensões de tempo e espaço. (Schmidt & Mahfoud, 1993). A memória coletiva pode ser definida como um trabalho do sujeito que permite que ele observe a sua experiência anterior, assim como a de outras pessoas, articulando-as como forma de ler a realidade. “O resultado desse trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas” (Schmidt & Mahfoud, 1993, p. 291).

A memória coletiva se configura como um processo essencial para a produção e compreensão de significados, que se inserem em um determinado esquema cultural. A lembrança, com a força de uma memória, remete o sujeito a um contexto de relações e, através de uma carga afetiva, atualiza-se, reconstruindo e vivificando o passado, e, assim, resignificando o presente.

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

A tarefa de uma análise fenomenológica se encontra em estudar a significação das vivências da consciência. Para tanto, recorre-se à análise descritiva das vivências, baseada em seus elementos empíricos, para descobrir e apreender as essências (Zilles, 1996). Van der Leeuw (1964), mostra que as vivências se configuram sempre como reconstruções a cerca de uma “vivência originária”, sempre inacessível. Essa reconstrução se constitui como um sentido que emerge a partir da vivência e que inaugura a possibilidade de compreensão do vivido enquanto uma unidade – a experiência. Segundo Van Der Leeuw, para examinar a vivência, deve-se realizar esse trabalho de reconstrução, que se organiza cuidadosamente em algumas etapas (Araújo & Mahfoud, 2002; Mahfoud, 2003; Van Der Leeuw, 1964):

A) Nomeação: ao dar nomes, define-se o fenômeno e começa-se a formar a relação entre esse e o pesquisador. É importante que a nomeação seja uma expressão do vivido.

B) Inserção: o sentido vai se revelando a medida em que o pesquisador se coloca em relação com o objeto. Segundo Mahfoud (2003, p.131), “a interpretação não é possível se não tivermos - de algum modo – vivido aquilo que se mostra”.

C) Inserção entre parênteses: trata-se de um modo de se relacionar com a experiência do outro, em que se suspende os pré-julgamentos do pesquisador para que seja possível aprofundar na experiência de conhecer.

D) Elucidação: apreende-se conexões de sentido, que vão gradualmente clareando o objeto. As categorias encontradas se inserem em um conjunto mais amplo de compreensão do objeto.

E) Compreensão: algo do objeto está sendo comunicado. As etapas anteriores transformam o objeto inerte em algo que se expressa.

F) Retificação Contínua: a interpretação da experiência vivida deve ser continuamente confrontada com documentos e fatos.

G) Reconstrução: para apreender a vivência, o pesquisador realiza o trabalho de falar daquilo que se mostra. É o trabalho de reconstrução dos significados, que dá acesso ao sentido da experiência. A prática de uma fenomenologia voltada para o concreto se torna testemunha da experiência da pessoa no mundo.

Os sujeitos da presente pesquisa foram selecionados por amostragem intencional. O critério de escolha foi a participação na elaboração da bandeira, a partir do qual se entrevistou duas pessoas. O depoimento foi colhido no dia em que a bandeira foi apresentada à comunidade, com o intuito de apreender a elaboração daquela experiência. É interessante chamar a atenção para o fato de que um dos entrevistados só aceitou realizar a entrevista depois que a bandeira foi hasteada. Analisou-se fenomenologicamente os dados, com atenção à centralidade da pessoa nos processos sociais e culturais, utilizando-se os conceitos de *hilética*, *noética* e *memória coletiva*.

OS DEPOIMENTOS

A análise dos depoimentos possibilitou o encontro com os significados presentes na experiência das pessoas envolvidas no processo de criação da imagem. A relação que se estabelece entre a vivência dos moradores e a atenção do pesquisador, faz emergir aspectos

estruturais da experiência da pessoa. Evidencia-se, a seguir, esses aspectos que revelam na experiência particular o seu sentido universal:

A) HILÉTICA E NOÉTICA: Podemos identificar uma relação dinâmica entre os elementos sensoriais da bandeira (*hylé*), como cores e figuras, e os significados próprios da comunidade (*nous*). A presença das armas retrata as marcas de uma história de luta presente na cultura da comunidade e na subjetividade dessas pessoas. O valor das armas é reafirmado por outros elementos, como a frase em latim, que significa “Liberdade mesmo que pela força”. Essa frase conta a história das origens da comunidade, inserida na história de Minas Gerais, através de uma alusão à frase da bandeira mineira. No entanto, essa história é recontada a partir de um trabalho de reflexão dos membros da comunidade, que se apóiam em elementos hiléticos para afirmar um sentido que transcende as próprias palavras: a frase está escrita em preto, revelando a contradição do uso da força em nome da liberdade. A análise dos elementos da bandeira nos mostra uma ligação estreita entre figuras, cores e palavras. Essa coerência se torna possível, na medida em que o significado desses elementos faz parte da cultura e da memória coletiva da comunidade, que se configura como um horizonte maior para afirmação do sentido.

Então aqui *Libertas Quae Per Uim Tamen*, significa liberdade mesmo que pela força. Porque aqui a gente conquistou isso, né? Teve que fazer uma revolução pra conseguir - Charles.

Eu achei engraçado como que eles se inspiraram na espingarda e na espada. Que é o símbolo de você conseguir alguma coisa nem que seja na força, né? - Zé Leal.

B) MEMÓRIA COLETIVA: Os elementos apresentados na materialidade da bandeira são compartilhados e valorizados através das tradições, se referindo sempre à origem e à história de Morro Vermelho. A coroa se refere a coroa de Nossa Senhora do Rosário, pois nas palavras de um dos jovens “Tudo começou de lá pra cá”. Além disso, ele afirma que a religião é que “tomava conta da cultura”, revelando o aspecto essencial que essa possui. Entende-se, segundo Halbwachs (2004), que a memória é um trabalho do sujeito, porém, essa só pode ser constituída em grupo, sendo essencialmente um trabalho coletivo. Em Morro Vermelho, esse trabalho constante de retomada e atualização do passado, revela um dinamismo próprio da comunidade de afirmação dos seus valores através das tradições. É a vitalidade das relações sociais do grupo no presente, que atribui vitalidade à imagem e que a constitui como uma fonte de transmissão de significados culturais.

Essa coroa aqui, esse modelo aqui foi inspirado na coroa de Nossa Senhora do Rosário, porque tudo começou de lá pra cá; (...) E aqui as datas, né? E a Igreja. Jesus eucaristia, Jesus senhor dos homens. Como se diz, quem manda é ele mesmo... (risos) - Charles.

E aqui, o valor religioso que é o mais importante que a gente tem. Por isso que eu nem coloquei cultural, coloquei religioso, porque a religião é que se tomava conta da cultura também, praticamente de tudo, né? - Charles.

C) CENTRALIDADE DA PESSOA E PRODUÇÃO DE CULTURA: O relato de Zé Leal fala da importância dos antepassados e das tradições, sem se referir diretamente à produção da bandeira. Por outro lado, Charles ao falar da bandeira, se refere aos mesmos aspectos evidenciados na fala de Zé Leal. Fica claro como os elementos da bandeira são presentes na experiência dos moradores da comunidade. Assim, falar da própria experiência é falar também de uma experiência de comunidade, representada através da bandeira. Na medida em que entendemos cultura como o resultado do agir do homem, que emerge do seu ser enquanto pessoa (Grygiel, 2000), podemos compreender a relação que existe entre a memória coletiva da comunidade, a ação de cada um e a produção de cultura. É apoiado nessa história, fundada a

partir do valor religioso, que a produção de cultura se torna possível através da ação de cada pessoa que compartilha e reafirma esses valores tradicionais.

O nosso Nazaré, quando eu vejo Nazareth escrito com “e” minúsculo, eu posso corrigir falando: não Nazareth é com th, porque o th vem do latim. E eu falo assim num é por exigência minha não, é mesmo por conservação. Porque o nome de Nossa Senhora de Nazaré está no pedestal dela com th. Vai dizer: “ah, isso é bobagem”. Não, mas se escreve com “e” mesmo, a gente vai descaracterizando, né. A nossa função, principalmente eu, eu mesmo sei que a gente tem que preservar aquilo que nossos antepassados nos passaram. - Zé Leal.

(...) e essas três estrelinhas aqui que eu acho maravilhosas porque faz lembrar, são os antepassados. São as pessoas que já passaram por aqui, entendeu?- Charles.

D) A BANDEIRA COMO UM SÍMBOLO: As pessoas que fizeram parte do processo de elaboração da bandeira utilizaram uma simbologia típica encontrada em diferentes bandeiras e brasões, porém, inseriram-na dentro da própria tradição. Esse aspecto da produção da imagem pode ser evidenciado em vários elementos. A balança, que comumente assume o sentido de justiça, está associada, para os moradores, ao quinto do ouro, à história da comunidade e de Minas Gerais. A faixa vermelha, presente na bandeira, pode ser compreendida em seus diferentes aspectos. Em um primeiro momento, ela se refere a uma faixa de terra vermelha vista no alto do morro, considerada por um dos membros da comunidade como o ponto de referência de Morro Vermelho. Em um segundo momento, esse elemento é analisado a partir da sua forma e adquire outro sentido, se referindo a estola utilizada pelo padre. Apesar da faixa vermelha apontar mais de uma possibilidade de significado, observamos que esses não competem entre si, uma vez que ambos estão inseridos coerentemente na cultura de Morro Vermelho. É esse trabalho de resignificação que permite que a bandeira se torne verdadeiramente símbolo para Morro Vermelho.

É. Essa faixa vermelha, como se diz, eu tava falando com ele que uma das características do nome de Morro Vermelho era por causa daquele morro aonde tá o cruzeiro, né. Hoje é até iluminado. Então, esse dia eu estava preparando, assim, declarações para trabalhador rural conseguir benefícios, né? E, então, tendo modificado os modelos de declaração, lá tem uma sigla, um ponto de referência. Então aí eu joga isso pra Morro Vermelho. Eu lembrei e falei com Charles, ainda foi a tempo, né, porque a bandeira ainda num tava pronta. Eu falei: Ó Charles uma das características porque que Morro Vermelho chama Morro Vermelho, é o ponto de referência, é o morro que tem uma listra vermelha. Aí ele ainda colocou na bandeira. - Zé Leal.

... é tipo uma estola, pra você pensar bem, lá as curvas descem, jogando tudo na frente... tem característica de estola mesmo. - Zé Leal.

PRODUÇÃO DE IMAGEM

O processo de criação de uma imagem, que é símbolo, tem no seu processo de produção alguns elementos essenciais, que fazem com que essa consiga realmente representar a cultura da comunidade, se interagindo em um movimento de produção de cultura.

Na criação da bandeira, a materialidade aparece como expressão de um sentido. A análise de seus aspectos *hiléticos* traduzem a dimensão do significado em uma linguagem imagética. A ação de criar expressa significados que interpelam a realidade a sua volta. O ato de criar, enquanto ação humana, se situa “entre a realidade e o símbolo”, e carrega um sentido presente já no movimento criativo, que se manifesta na imagem.

Em um segundo momento, percebe-se que o sentido expresso na bandeira representa a cultura da comunidade porque está inserido em um horizonte mais amplo. Os significados produzidos através da imagem são compartilhados na cultura da comunidade. Não é possível

afirmar um sentido arbitrariamente, ou seja, sem buscar o passado pelo reconhecimento da sua exemplaridade. Em um processo de produção de cultura, retoma-se o passado, e a ação presente posiciona o sujeito diante dessa história. O trabalho do sujeito de afirmação e atualização da memória coletiva da comunidade, o insere na cultura local compartilhada por todos os moradores. Dessa forma, a produção de cultura deve ser entendida como um movimento da pessoa na construção de um espaço que atenda as exigências do humano. A cultura, representada através da bandeira, constitui-se enquanto possibilidade de re-apresentar os valores da comunidade. Essa reapresentação só constitui-se enquanto verdadeira construção desse espaço, quando ligada a uma ação intencional da pessoa.

Assim, a bandeira se fez símbolo. Essa é a possibilidade de construção de cultura. O processo de produção da imagem tem em si presente uma reflexividade que resulta na decisão de assumir a certeza e a crítica em busca da reconstrução da razão de ser das coisas, ou seja, da expressão do seu sentido. A bandeira apresenta formas, cores e imagens, mas o que se mostra em seus elementos últimos é a possibilidade de conhecer uma realidade que está para além dela.

Ao estabelecer uma nova ordem de valores, o símbolo apresenta também uma face voltada para o dever-ser. Porque apresentar a bandeira à comunidade? Porque ela se faz dever de todos. Ela é a afirmação de um compromisso com a história da comunidade e com a memória dos moradores, o que estabelece não só um “espaço de vida”, mas também um “estilo de vida”. É assim que se estabelece o dever-ser da comunidade. Nesse momento, a bandeira se faz gesto. Ao mesmo tempo em que ela expressa um dever-ser, ela se ‘gestualiza’ segundo esse dever-ser. A ação de hasteá-la, apresentando a bandeira, não só à comunidade local, mas também aos representantes da prefeitura de Caeté (Morro Vermelho é um distrito de Caeté), revela a normatividade desse universo de valores. A ação humana é a única forma de inaugurar a dimensão do *ethos* e, assim, construir uma cultura essencialmente ética. Nesse ponto, é importante ressaltar que se abre a dimensão política, na medida em que a bandeira hasteada expressa um dever-ser que não diz respeito apenas aos moradores de Morro Vermelho, mas se dirige a um horizonte maior de realização humana. As instituições e as organizações são interpeladas por esses valores, e são convocadas a responder ao que se entende como exigência da pessoa e a acrescentar nesse processo de produção de cultura.

Ao aproximar da criação da bandeira de Morro Vermelho, conhece-se mais sobre a cultura local. Através de suas festas e celebrações tradicionais, é possível encontrar elementos que revelam o processo de produção de cultura, ou seja, revelam aquilo que é propriamente humano. Os elementos encontrados na particularidade da vivência daquelas pessoas: a vontade de criar uma bandeira, os significados presentes no movimento criativo, colocar-se no horizonte da comunidade, realizar uma contribuição individual e, finalmente, produzir a bandeira e apresentá-la a comunidade, fazem parte de uma dinâmica que busca o todo. Essa dinâmica se universaliza e esses elementos podem ser encontrados em um amplo processo de produção de cultura: exigência de moralidade, intencionalidade, reflexividade, a ação da pessoa resultando na criação da esfera da cultura e do dever-ser. São os próprios moradores de Morro Vermelho que nos contam mais essa história.

Tomando a cultura tradicional, propriamente dita, percebe-se ainda que a produção da imagem se insere na construção desse universo cultural maior, como forma de transmitir significados e valores. O próprio significado do termo tradição já inclui a idéia de transmissão. Nas palavras de Lima Vaz (1988, p. 17-18): “A significação literal do termo tradição, indicando entrega ou transmissão de uma riqueza simbólica que as gerações se passam uma à outra, denota a estrutura histórica do *ethos* e sua relação original com o fluxo do tempo”. A criação da bandeira foi idealizada dentro de um contexto bem específico: a criação do CAC. Ao observar esse movimento dos jovens de fortalecimento da história e da cultura local, percebe-se a escolha da imagem como forma de transmissão e de re-apresentação dos valores dos moradores de Morro Vermelho. A imagem é inserida na dinâmica da tradição como forma privilegiada de transmissão cultural.

Ales Bello (2004) afirma que na Idade Média as idéias difundiam-se de modos muito diferentes, não apenas pela escrita. No caso específico da mensagem cristã, essa era proposta à população através de dois caminhos: as pregações, pelos sermões, e as expressões artísticas, pelas pinturas e esculturas. A autora explica que a dimensão artística é um meio expressivo da

visão de mundo da pessoa, entendendo a imagem como uma forma importante de comunicação de idéias. Os jovens de Morro Vermelho mostram como é possível conduzir a pessoa pelo caminho do conhecimento utilizando cores e formas. Através de suas ações, oferecem uma contribuição própria, apresentando para nós a possibilidade de realizar um gesto que faça sentido: no processo de criação de uma imagem, produzem cultura e não alienação.

BIBLIOGRAFIA:

ALES BELLO, Angela. *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de Antonio Angonese. 1. ed. (português). Bauru: Edusc, 1998. p. 204. (Coleção Filosofia e Política). Título original: *Culture e religioni: una lettura fenomenológica*.

ALES BELLO, Angela. *Fenomenologia e Ciencias Humanas: psicologia, história e religião*. Tradução e Organização de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. 1. ed. (português). Bauru: Edusc, 2004. p. 330. (Filosofia e Política).

ARAÚJO, Renata Amaral; MAHFOUD, Miguel. Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum*, 2, p. 68-103, 2002. Disponível em: World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/araujo02.htm>. Acesso em: 22/03/06.

AUGRAS, Monique. *Alteridade e dominação no Brasil: Psicologia e Cultura*. 1. ed. (português). Rio de Janeiro: Nau Editora, 1995. p. 180.

DRAWIN, Carlos Roberto. Ética e Cultura: o paradoxo da reflexividade. In: MAC DOWELL, João A (Org.). *Saber Filosófico, história e transcendência*. 1. ed. (português). São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 247-258. (Coleção Questões Filosóficas).

GHIGI, N. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, 4, p. 48-60, 2003. Disponível em: World Wide Web <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/ghigi01.htm>> . Retirado em 22/03/06.

GRYGIEL, Stanislaw. L'uscita dalla caverna a la salita al monte Moria: saggio su cultura e civiltà. *Il Nuovo Areópago: rivista trimestrale di cultura*. Forlì, anno 19, n. 2-3 (nuova serie), p. 25-61, aprile/settembre. 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. 1. ed. (português). São Paulo: Centauro Editora, 2004. p. 204. Título original: *La Mémoire Collective*.

HUSSERL, Edmund. *Ideas relativas a uma fenomenología pura y una filosofia fenomenológica*. Tradución: J. Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. Livro I. (Publicação original, 1913).

HUSSERL, Edmund. *Idee per uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*. Tradução de: E. Filippini. Torino: Einaudi, 2002. v. II e II.

LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*. 1. ed. (português). São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 293. (Coleção Filosofia; 8).

MAHFOUD, Miguel. *Folia de Reis: Festa Raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. 1. ed. (português). São Paulo: Companhia Ilimitada; Campinas: Centro de Memória, 2003. p. 163.

- SCHMIDT, Maria Luisa S.; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. *Psicologia USP*, 4 (1/2), p. 285-298, 1993.
- VAN DER LEEUW, Gerardus. *Fenomenologia de la Religion*. Tradução de: Ernesto de la Pena. 1. ed. (espanhol). México: Fondo de Cultura Econômica, 1964.
- ZILLES, Urbano. A fenomenologia Husserliana como método radical. *In*: HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Tradução e Introdução de Urbano Zilles. 1. ed. (português). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 85. (Coleção Filosófica; 41). Versão Francesa de: Paul Ricoeur. Original: Alemão.